

Núcleo de Educação Popular - 13 de Maio São Paulo, SP.

# CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

Tel. (11) 8201 6059 ou (11) 92357060. e-mail: [criticasemanal@uol.com.br](mailto:criticasemanal@uol.com.br)

EDIÇÃO nº 1007; ano 24; 3ª semana de Fevereiro/2010.

## DÁ PARA SALVAR A TOYOTA?

*Toda crise periódica de superprodução começa na forma de uma crise de crédito privado e termina como uma crise de crédito público. É o que se confirma atualmente nas principais praças financeiras mundiais. Enquanto o capital inicia mais um período de expansão da produção industrial, de novo ciclo econômico, as velhas metrópoles imperialistas ainda se debatem com os entulhos fiscais do período anterior.*

JOSÉ MARTINS.

Quem disse que a tragédia é uma coisa que só acontece na Grécia? Longe disso. Desde que o ser capital e suas voluntariosas classes burguesas nacionais dominaram globalmente o destino da espécie humana a tragédia também se globalizou. E, se depender dos atuais níveis da dívida pública neste início de século 21, a tragédia oriental é muito mais agonizante do que a ocidental.

Quem exprime com rara sinceridade a trágica situação econômica japonesa é o seu próprio primeiro ministro, Yukio Hatoyama: “A economia do Japão está em uma situação muito severa. Alguns dizem que chegou ao fundo do poço, mas não podemos ser otimistas de jeito nenhum”, declarou em reunião de gabinete para achar uma forma de reativar a economia.<sup>1</sup>

Por que tanta agonia nas palavras do principal dirigente de uma economia que ninguém vê defeito? Afinal, já se vislumbra os primeiros sinais de um novo período de expansão global, incluindo o Japão. Segundo, estamos a falar de uma economia capitalista qualitativamente desenvolvida. Não de uma China qualquer, de uma casa da mãe Joana das empresas globais. Estamos a falar de uma tradicional economia imperialista, tanto no seu quintal asiático quanto no resto do mundo; moeda de reserva internacional muito forte; salários reais elevados; altíssima competitividade industrial; tecnologia de ponta produzida por conta própria; dona de gigantescas empresas e bancos globais; reservas internacionais de 1,053 trilhão de dólares no fim de janeiro, etc.

**IMPÉRIO EM TRANSE** – Encontrar uma resposta àquela agonia do primeiro ministro japonês exigiria, certamente, mais do que um boletim. Contentemo-nos, portanto, apenas para começar, com as formas mais superficiais e populares do

---

<sup>1</sup> France Presse/FolhaOnline, 15/fev/2010

problema. E o que encontramos logo de cara é algo vertiginoso. Na superfície mais visível do problema, um nível de endividamento público absolutamente insustentável por qualquer parâmetro da racionalidade econômica. Segundo o FMI e o ministério das finanças do Japão, a dívida pública da segunda (por enquanto) maior economia do mundo poderá atingir 226,2% do PIB em 2010 e 239,2% em 2014. A explosão das dívidas públicas é um fenômeno que ocorre atualmente em todas as grandes economias imperialistas. No Japão, entretanto, é onde ele ocorre há mais tempo e maior intensidade. Fiquemos por enquanto apenas em seus aspectos quantitativos. Comparada, por exemplo, com aquela dos Estados Unidos (99,8% em 2010), da França (92,5%) ou mesmo da dominada Grécia (123,3%), a dívida pública japonesa fica ainda mais assustadora.

Especialistas japoneses em finanças públicas, como Atsushi Nakagima – economista chefe do *Mizuho Financial Group* – não tem mais dúvidas: o nível de endividamento público do país aproxima-se rapidamente do seu limite. Para 2010, o governo decidiu aumentar ainda mais sua dívida, prevendo a emissão de mais de 44 trilhões de yens (490 bilhões de dólares), um montante idêntico ao do ano passado. Segundo Nakagima, falando na linguagem da macroeconomia, “Neste ritmo de endividamento, nos próximos cinco a dez anos o montante da dívida pública terá ultrapassado o montante da poupança da economia. O problema é que é que a poupança não pode ser destinada exclusivamente aos déficits. As empresas têm também uma necessidade crucial dela para seu desenvolvimento.”<sup>2</sup>

**SAMURAI E ECONOMISTAS** – Se o diagnóstico de Nakagima for confirmado, o que é muito provável, a economia japonesa caminha celeremente para o temido “estado estacionário” de Ricardo. Na falta de uma taxa de lucro satisfatória, o fogo da acumulação se extinguiria. Mas o que nosso brioso economista não pode revelar (ou não vê necessidade disso) é que a dívida pública japonesa foi causada exatamente pelas empresas japonesas, com cujo destino tão trágico ele tem toda razão de estar tão preocupado.

O problema torna-se então contradição. Pode-se resolvê-la? Dá para salvar a Japan Airlines, a Toyota, a Mitsubishi, a Honda, a Sony...? Não perguntem para os economistas. Acontece que a dívida atingiu o atual “limite insustentável”, para usar a expressão dos próprios economistas japoneses, no decorrer do último período de crise do capital global (2008-2009). Ocorreu então, de um lado, um enfraquecimento das receitas fiscais – devido à abrupta queda da taxa de lucro, seguida da queda do nível de investimento e de atividade das empresas. De outro lado, a resposta dos economistas da alta burocracia estatal (as chamadas “autoridades econômicas”) à nova situação foi uma elevação suicida das

---

<sup>2</sup> *Mizuho Financial Group* – [www.mizuho.fg.co.jp](http://www.mizuho.fg.co.jp)

despesas de recursos públicos para salvar exatamente aquelas grandes empresas industriais (e seus grandes bancos, claro) responsáveis pela crise.

Deu no que deu. A angústia do primeiro ministro japonês talvez encontre um dos seus motivos nesta triste evolução cultural do seu país: antes, os samurais eram guerreiros que sacrificavam sua própria vida para a glória do imperador. Agora não existem mais samurais. E nem imperadores como os de antigamente. O que existe são os economistas da alta burocracia estatal que sacrificam a energia produtiva do país para salvar seus irresponsáveis e incompetentes capitalistas da merecida falência.

Para receber **semanalmente** em seu email análises econômicas como esta que você acabou de ler, assine e divulgue o boletim **CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA**, do 13 de Maio, Núcleo de Educação Popular, S.Paulo.

Em 2010, estamos completando **24 ANOS DE VIDA**.  
**Vinte e quatro anos** informando e educando a **classe trabalhadora!**

**ASSINE AGORA A CRÍTICA** Ligue agora para (11) 9235 7060 ou (11) 8201 6059 ou escreva um e-mail para [criticasemanal@uol.com.br](mailto:criticasemanal@uol.com.br) e saiba as condições para a **assinatura!**